

# SOBRE A PSICOSE

Trechos da sessão de encerramento do trimestre de estudos sobre a *Psicose* no IJL - Instituto Jacques Lacan, instituto de ensino do Colégio Freudiano, 28 agosto 1990.

Convidei para o encontro da próxima terça-feira, um colega - que também está interessado em conversar conosco -, que é Chaim Samuel Katz. Ele é psicanalista e tem uma posição diferente da nossa, radicalmente diversa. Entretanto, opositores não são necessariamente inimigos, são opositores. Divergência de pensamento nada tem a ver com mordidas no rabo do cachorro ao lado. E pode ser interessante na medida justamente em que se conversa sobre uma coisa, a Psicose, com tanta estranheza, com tanta radicalidade diferente... Eu gostaria que outras pessoas se interessassem por isso, mas não basta que a gente convide, é preciso que a pessoa também tenha o interesse de conversar, como foi demonstrado por ele, até publicamente, em jornal. Cumpri o dever de dizer-lhe que a porta está aberta.

\* \* \*

Vamos à nossa questão, que seria o que as pessoas têm para me ensinar a respeito da *Psicose*. Confesso que sei muito pouco a respeito, e acho mesmo que se sabe muito pouco. É claro que se publica muito, se diz muita coisa, mas infelizmente este é um tema grave e pouco abordado efetivamente. Sobretudo, a questão fundamental que é não só teorizar a respeito, que é o máximo que temos conseguido, mas algo de efetividade de *cura*: é possível, quais os caminhos, como abordar?

Depois de muitos anos de vida de psicanálise, depois de Freud ter dado dois ou três endereçamentos mais ou menos adequados, parece não haver - no campo da psicanálise, pelo menos - nada de muito concreto a respeito da psicose, sobretudo de como lidar com ela. Há o golpe de entendimento e tentativa de teorização feito por Lacan de ter inventado quase que a partir de nada, mas com uma perspicácia muito grande sobre o texto de Freud, a *Forclusão do Nome do Pai* - embora eu já tenha dito que não entendo muito bem como ele pôde tirar este conceito do de *Verwerfung*, pois me parece um pouco forçado. No entanto, o conjunto da obra de Freud permite muito bem que, em vários de seus Seminários, Lacan venha a inventar,

é o caso de dizer, este conceito com muita pertinácia, mas que deixa as coisas ainda bastante nubladas. Sobretudo na medida em que considerar, no campo de um estruturalismo evidente, que a não inscrição de determinado significante típico, de determinada situação específica, ou seja, a não construção de determinada metáfora (no sentido de Lacan, de metáfora como substituição de Sujeito), é um golpe de mestre, genial. Mas isto precisa ser bem mais especificado em termos teóricos, de entendimento mais apurado, de talvez até um fracionamento estrutural e temporal do conceito. É justamente a questão de saber se, essencialmente, o golpe metafórico de base é coincidente, superponível, ao que Lacan chama de *père-version*, pois são dois momentos diversos. Se é verdade que uma psicose está na dependência de uma forclusão prévia, no último sentido de seu Seminário sobre *As Psicoses*, resta saber o que fazer com isto. Se lá não entrou, como lá botar? É possível, viável?

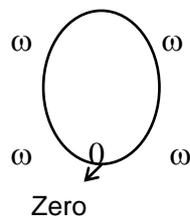
Não vim aqui hoje fazer conferência ou Seminário, e sim conversar. Isto, não esquecendo de lembrar-lhes que só posso me referir à minha produção, meu trabalho, ao que venho produzindo em meu Seminário, com a precariedade que lhe é peculiar. Quem me tem acompanhado, tem visto que, lentamente, há cerca de dois anos, estou elaborando algumas coisas que possam esclarecer isto com, talvez, mais precisão. Em meu último Seminário, terça-feira passada, comecei a precisar os conceitos a partir de uma vontade imanentista, como é típico da própria estrutura do Pleroma, apoiando-me numa reflexão fundamental, que é a reflexão matemática, desde que esta não seja tomada no nível da mera escrita. Há uma diferença radical entre tomar a matemática no nível da própria escrita e tomá-la no nível de algum processo imanente ao Inconsciente. Neste sentido é que estou acreditando que é imanente. Então, se as possibilidades matemáticas, matemáticas em geral, são imanentes, ou seja, se há uma ontologia matemática, ou melhor dizendo, se o ontológico é matemático, é possível que por aí as coisas se esclareçam melhor.

\* \* \*

Primeira questão: *recalque originário*. Freud constrói esta idéia em cima do tema do Édipo, portanto, numa grande recentidade na vida de qualquer sujeito. Recentidade de história de cada sujeito. Ele faz a suposição de que qualquer um que ele escuta passa por esse momento aí. Lacan dá um golpe mais interessante porque, jogando Édipo para o lado, vai buscar uma relação simbólica, como chama, de produção, de subtroca, de significantes, em que a coisa fica mais abstrata. Então, digamos assim, o recalque originário de Lacan é o recalque originário de Freud entendido num regime de abstração um pouco maior. Para

Lacan, é instalação de um Nome do Pai. Mas, eu, estou procurando, por trás desse Nome do Pai, a sua garantia. Estou trazendo o recalque originário ao mais antes. Antes não é sempre temporal, e também estrutural, lógico. O que dá substrato a isto é que coloco um recalque originário, digamos, tão primordial que é condição *sine qua non* da fundação posterior de um limite,  $\omega$ , mas que não necessariamente é capaz de, porque lá está, fundá-lo. Eu diria que, acompanhando as pegadas da história da psicanálise, Freud tem cronologicamente razão, pois se na experiência de cada sujeito isto só se diz num regime mais próximo do etológico, que é o Édipo, este é o campo didático onde isto será apreendido. É bem provável que o sujeito não venha jamais a posturar um limite, ou um zero radical, não sendo por essa experiência, mas se matemizo cada vez mais extremamente, terei que encontrar que, no regime de uma estruturação teórica, de uma lógica da coisa, há que haver um substrato mais fundante, mesmo que isto não seja dito pelo sujeito, pois foi dito pela história, pela emergência do zero no seio do dizer matemático. Este é um ato poético, como Lacan diz que o Nome do Pai é um ato.

É preciso passar cautelosamente da teoria para a casuística. Do ponto de vista estritamente lacaniano, psicose é forclusão prévia, o que é maneira de dizer, ou seja, que *jamais* entrou. Semestre passado, fiz aqui uma grande “confusão” em torno das coisas justamente me perguntando se o limite mesmo instalado é apagável, perdível. Acho que é. Então, não se pode confundir as duas coisas. Tentando arrumar isto um pouco, vamos fazer parecido com o Pleroma.



Temos aí o *Zero*, que chamo de Real, então, qual é o limite de qualquer série possível, já que zero está dito, pressentido, experimentado? Experimentar zero não precisa ter o nome de zero. Lacan, em certo momento, diz que, na falta de inscrição do significante chamado paterno, quando o sujeito reclama dele, esbarra com um grande vazio, um buraco. Que buraco? Zero. Isto porque ainda que se consiga estabelecer uma grande série, onde quer que se instale o limite,  $\omega$ , o que pode ser pertinho ou em qualquer lugar, é um limite que, se está instalado, me permite encaminhar para a frente, assentado sobre zero, mas *escapando* de zero na direção de zero. Zero é freqüente, mas estou escapando dele, mas na direção dele. O limite, como disse, é metáfora de zero. O que coloquei como substituição plausível ao que Lacan chama Nome do Pai no seu sentido mais abstrato, chama-se limite, infinito: poder situar infinito - a coisa se encaminha.

O que Lacan diz das *pegas* do psicótico? Se não tem aquilo inscrito, ele tem que imediatamente reclamar uma pregnância imaginária enorme, situar o sujeito ao nível de falar instrumentalmente e só através de ego. Lacan diz, por exemplo, algo que pode parecer uma bobagem, mas que é metaforicamente interessante: “O ego de Dora é o Senhor K”. Evidentemente, esta frase é maneira de dizer (Dora não é psicótica, aí é identificação por outra via). Isto significa que o psicótico parece estar arrumado, às vezes um longo período da vida, porque vai pôr *pegas* numéricas - se estou falando em termos de números -, vai pegando nos números, mas ele não pode conjecturar justamente a distância infinita que há entre sua fronteira e o infinito, que é o seu limite. O que seria o sujeito apreender algo que Lacan quer chamar de Nome do Pai e que quero chamar de puro e simples *limite*? É passar por experiências lógicas, diante do discurso do Outro, de maneira que tenho uma relação apreendida com uma fronteira que se evidencia para mim, mas que, no jogo do outro no movimento desejante, percebo que mesmo o outro que diz qual é a fronteira extravasa desejantemente essa fronteira tendo mais do que barreira como referência de movimentação desejante. Posso, aí nesse intervalo, conjecturar a noção de que há uma fronteira, mas isto é desejante, então, entendo que é um limite, um horizonte. Se houver alguma coisa no psiquismo, no Inconsciente, capaz de estruturar algo chamado Nome do Pai - retiro este nome porque, para mim, tem pregnância demais no sentido do macaco, da ordem primitiva, do religioso, de tudo isso que disse essas coisas durante séculos, mas que é preciso abstrair e matematizar...

Como, então, diante da exposição de fronteiras - culturais, comportamentais, relacionais, desejo de mãe, *trepada* do pai, etc. -, uma criança pode posicionar (no sentido de pôr para si), assim como zero foi posicionado, a metáfora que faz limite? Metáfora daquilo que, em meu esquema, não faz limite, mas sim borda, vazio radical? Isto apareceu em nuances as mais diversas na história da humanidade, inclusive a de chamar de Pai, de Rei, e mesmo de Deus, que, em muitos momentos, surge com esta função. No Velho Testamento, por exemplo, quais são as relações do judeu com Jeová? É um negócio assim de haver um limite, mas também um horizonte porque de Jeová, a gente se esconde, ele se esconde da gente, a gente o sacaneia, enfim, há um jogo desejante aí que me deixa olhar um horizonte e dizer que, de lá para cá, é um Todo, posso fundar o universo, mesmo sem saber quais são seus constituintes.

Mas quero supor que a aprendizagem que vou tomar do outro, a possibilidade que tenho de vir a construir isto, depende dos meus embates com a fronteira, sempre dialetizada até pelos usuários desta fronteira na própria cultura. Se não fundo esse verdadeiro axioma e não coloco isto para mim, fico o tempo todo na dependência dos movimentos da própria fronteira: vou colando aqui e ali, como diz Lacan, imaginariamente, de ego para ego, vou me

comportando digamos que ponto a ponto na experiência, dentro do percurso. Donde Lacan tira a grande metáfora, que acho mais explicativa de seu conceito, que é la *grand'route*. Ou seja, se posso pôr um axioma de limite, fundo um Todo, faço um périplo generalizado sobre esse acontecimento. Caso contrário, vou de estradinhas, por aqui e ali, me colo em fulano, em sicrano, papai, mamãe, etc., e, quando preciso dar conta da elasticidade, me perco, pois tenho que desamarrar de  $\omega$  e não tenho nenhum conceito de totalidade para segurar. O pacote se rasga porque não tem barbante, o qual barbante é o limite. É de algum modo o sujeito poder axiomatizar, seja com que nome for para ele, um limite que, como axioma, vem a ser vice-axioma da experiência de Zero. Ora, se não tem este limite, o sujeito se perde ali dentro e vai bater onde? O limite imposto pelo sujeito como horizonte, seja aqui ou ali, deixa uma margem enorme para ele elasticizar, mas sempre que vê passos ali dentro, diz: Contudo, entendo e me viro dentro de um Todo. Mesmo com a experiência de zero, se não se traça um limite, isso fica girando e vai bater sempre em zero. O sujeito dá a volta, dá a volta e cai na angústia do conjunto vazio, na angústia da experiência do zero. Então, o que faz o limite, se ele é vice-representante? Deixa você ir para a frente, deixa o zero um pouco recalcado e freia o movimento necessariamente esquizofrenizante de um sujeito sem limite. Isso, que coloquei como esquema em meu Seminário sobre a *Nosologia Geral*, permite ao mesmo tempo transar na região indistinta que sobra *dentro* do universal, permite a possibilidade de construção de passos ponto a ponto, bem construídos, sempre de olho no horizonte, mas, por outro lado, é um grande freio.

Limite é uma função matemática, que Lacan chamou de Nome do Pai. Não vamos tomar no sentido do cotidiano: Ponha limite nisso. (Para fazer uma anedota: alguém que tem um parente em grande surto psicótico veio me dizer que a pessoa estava internada e cliente do Dr. Fulano. Perguntou-me se o conhecia. Tomei um susto, pois o conhecia - Dr. Fulano já andou por aqui -, mas disse: Tudo bem, medicina, dá uma injeção... Aí a pessoa teve um grande argumento e disse: Dr. Fulano me explicou que é uma coisa muito simples, que tenho que botar a Lei nele. Respondi: Está bom, bota a Lei nele. O rapaz, o tal Dr., ouviu umas conversas por aqui e está lá enfiando Lei no garoto. Não sei por onde). Portanto, cuidado com isso, pois é claro que ninguém enfia limite em ninguém. Não é limite no sentido do teatro cotidiano, de que: Estou zangado, o limite é este, e está encerrado. É sim, uma função axiomática designada nitidamente no pensamento matemático como capaz de fundar uma totalidade indistinta. O psicótico não axiomatiza isto. Mas precisamos saber que o sujeito na sua experiência de vida - se estou imanentizando, ontologizando isso - *tem que*, em algum momento, ser matemático, tenha sido a matemática fundada ou não, pois o *ato* dele é um ato

axiomático: na experiência de uma fronteira, de um litoral radical - não há o não-Haver, etc. -, ele funda o zero; de algum modo, axiomatiza isto para si, dê o nome que der. Depois, para não ficar girando e batendo de cara no zero, ele precisa refundar esse zero lá adiante como o outro axioma que é *horizonte*, limite matematicamente posto: Pronto, paratodizou, e aqui dá um jeito de continuar. Mas esta paratodização não funda nenhuma finitude, nem mesmo em Lacan. Mas como as pessoas lêem mal, vemos correr por aí um conceito de Nome do Pai que não só é paratodizante - “existe pelo menos um que diz *não*, portanto todos são” - como o para-todo é entendido como finitude. Isto não existe no pensamento de Lacan. O que há é ambíguo, porque aí ele mostra a fundação de um significante mestre que - embora para Lacan seja significante, portanto não quer dizer nada, sim e não, e conseqüentemente não dá finitude também - tem a vertente dita metafórica, sintomática, dessa fundação, o que as pessoas começam a ler como sendo finitização. O que nada tem a ver. Está, sim, perto da ordem da morfose.

Por que, então, o psicótico não vislumbra o limite, se ele passa pelo recalque? Porque *nada obriga*. O fato de se poder axiomatizar a radicalidade do impossível como real, não obriga a pôr nenhum limite nesse real. O recalque que existe aí não é produção de uma transa. É, sim, imanente: porque o não-Haver não há, ele quebra a cara, tem que fazer alguma coisa com isso, em cima disso vai se fundar a fantasia, tudo. Mas não há nenhuma conexão, obrigação, lógica obrigatória nem entre zero e um, quanto mais entre zero e infinito. Só pensando “millerianamente” - o que não tem nada a ver - é que se terá que: se zero é número, se mais-um existe, vai resultar em função Sujeito. Mas não há função mais-um, nem função Sujeito em cima do zero, e zero não é número. Nas peripécias do Sujeito, ele fundará ou não o segundo axioma de novo. Em termos de pensamento - por exemplo, a respeito da havência de número imanentemente no campo do Haver - bastam os dois axiomas: zero, primeiro; depois, infinito, que não é fundado sozinho e sim em torno de zero. Então, por exemplo, narcisismo, fixação narcísica, etc., são maneiras de dizer de Freud na apreensão de um fenômeno aqui e agora. Lacan resolveu isso mostrando que se o sujeito não pode efetivamente elaborar dentro do campo da linguagem, ele vai colar imaginariamente, ego a ego. Isto, em termos da minha construção, é muito pobre na medida em que o narcisismo é imanente ao Haver; suas peripécias é que são outra coisa: o Haver é narcisista. Mas é até melhor, se quisermos pensar um pouco mais abstratamente, aproveitar a dica de Lacan: em não podendo fundar o tal significante que o invocaria na hora de paratodizar alguma coisa, o sujeito só pode fazer colagem imaginária, especular, ponto a ponto, ego a ego, etc., e é isto que Freud está chamando de fixação narcísica.

[...]

Como Lacan resolve o fato de o psicótico não poder se referenciar a Ideal de Ego? No que coloca Ideal de Ego no nível do simbólico, está dizendo que se o sujeito não pode, em termos lacanianos, simbolizar, só pode ficar no que chama de imaginário. Em meus termos, se o sujeito não tem construção de limite, só pode ir caso a caso, número a número, experiência a experiência e tem que ir construindo aquela fronteira, a qual não tem a menor elasticidade. Se, de repente, precisa de elasticidade, ferrou-se: ele rompe e cai em zero. Cada vez que tenta, cai no zero. A fantasia bate de frente, angustiosamente, com desejo de não-Haver e impossibilidade disso: ele não sai dessa. *Isto é que é a psicose*. Coisas do tipo paranóia, esquizofrenia, vêm depois, são outra história. A psicose *mesmo* é ficar freqüentando a beira do abismo porque não encontra nenhuma escora a não ser a escora axiomática de base, que só dá escora de angústia. Não desliza para a frente com freio. Se penso em termos de infinito, de limite, posso me enganar - “me engana que eu gosto” -, então vou construir teorias, fazer passos, etc., é uma grande baboseira, mas é o melhor que se tem: vou, passo a passo, construindo coisas de olho no horizonte e não fico o tempo todo achacado por pelo regime terrível de estar de frente com a fantasia primordial - mas é imanente, é assim, não tem saída. A saída que tem é para lá, e construtivamente: utilizando a função limite na proliferação de discursos passo a passo, dando razão, uma seqüência, etc., embora aquilo seja uma grossa baboseira, da qual só se tiram duas ou três coisinhas.

Não digo que é por via de poesia que se constrói isso, mas sim que, cada passo é um ato poético de construção. No que estou assegurado por dois pontos referenciais: aqui, o zero, e ali, o horizonte. O que Lacan chama de forclusão do Nome do Pai é das duas uma - e ele só põe uma -, falando em meus termos, que o sujeito não axiomatizou limite, perdeu oportunidade, colou ponto a ponto e, um dia em que isso lhe foi exigido, estoura, se perde - e aí quero ver quem é que vai botar limite. A outra possibilidade (que Lacan não quer colocar, embora passe por ela no meio de seu Seminário) é o que chama de ruptura dos pontos de basta. Eu, acredito nisto pela experiência de certos autores que se tornaram aparentemente psicóticos - Artaud, Hoelderlin, Van Gogh... Não posso reconhecer neles uma incompetência de limite, pois não são Schreber, não escrevem aquela maluquice empacotada. Eles têm percurso poético. No entanto, caem, pelo menos, em algo parecido com a psicose. Se aquilo é psicose, é preciso pensar que mesmo um sujeito tendo axiomatizado um limite, pode perdê-lo. Isto pela simples razão de que não passa de um axioma. A experiência sobre a qual se axiomatiza o zero, esta é muito fundamental; depois, a reaxiomatização disso como metaforização do zero numa experiência; e no que se começa a fazer turbulência na região onde opera o

Falanjo, que é da constituição de passos sucessores para além da fronteira e dentro do limite, o sujeito pode, de repente, simplesmente perder as estribeiras do limite e ficar batendo de cara outra vez contra o zero. Como isto opera, preciso pensar, mas suponho isto.

• Pergunta - *O fato de o não-Haver não haver não pode ser tomado como Verwerfung do não-Haver?*

Eu não poderia chamar isto efetivamente de *Verwerfung*. Primeiro, porque não gosto do termo. Vamos falar de foraclusão. *Verwerfung*, não sei se é bem foraclusão. Não há nenhuma foraclusão em não haver o não-Haver, porque não-há mesmo. Isto é estrutural. Posso dizer que é como se fosse foraclusão, mas não é. Foraclusão é de algo que pode estar dentro. O não-Haver não vai estar dentro jamais, não pertence, não-há. O desejo se encaminha nessa direção, mas isso não há, não é inscritível, é absolutamente impossível de se inscrever. Já o que acontece no nível da foraclusão é outra coisa, pois não é impossível inscrever-se um axioma de limite. É possível, só que o psicótico não inscreve. Foraclusivamente mesmo a questão se coloca é no caso do limite. Antes, não é foraclusão, e sim ter que nomear esta experiência, que é a questão de todo e qualquer sujeito. Lacan pergunta se poderíamos dizer que para o psicótico não há linguagem. Eu acho que há. Isto na medida em que chamo linguagem de Revirão. Como revira o desgraçado! Por isso fica absolutamente perdido. Fundação de zero, ele tem. O que não tem é a fundação do limite para dizer um basta. Fundar limite axiomáticamente é primeira moção de ponto de basta. O que o psicótico não segura é o Revirão. Estou falando do psicótico, e não do pós-psicótico, que é o que a gente encontra no consultório: paranóico, etc. Este já arrumou um freio postiço, de nível de pega aqui e agora. Aqueles imaginariozinhos sobre os quais ele pegava antes, agora pega delirantemente: funda um delírio e segura ali. Por isso Lacan diz que ele ama o delírio como a si mesmo. Ele não é outra coisa senão aquele delírio. Mas isto é regresso. Não é um zero. É freio, pressionado pelas próprias circunstâncias de sobrevivência.

\* \* \*

O Feminino não é psicose. Dizer “não existe” participa, em algum termo, da denegação, pois só se pode dizer “não existe” porque o “existe” está posto. O Feminino é *suspensão* disso, e não perda das estribeiras. É preciso pensar o sujeito que aí está metido, e não olhar de fora e dizer que, ali, não existe. Na experiência do sujeito, para ele dizer que “não existe nenhum que diga *não*”, é porque sabe que existe. O psicótico não pode dizer nada, pois simplesmente se cola em existência. Ele é existencialista: vai de existência em existência,

colando nas existências. (Aliás, era de se procurar ver onde é que todo existencialismo se ferrou... É claro que o existencialismo não é isto, estou brincando). De existência em existência, ele podia até sacar que há um limite lá, mas não sacou.

• P - *A foraclusão do limite pode ser lida de acordo com o que Freud, sobre Schreber, diz que o que foi abolido internamente retorna de fora: esse retorno tem a ver com o cair de boca no zero do psicótico?*

É um grande salto que estamos dando. Teremos que repensar, em termos matemáticos, o que é isto. Qual a diferença entre o recalçado e o foracluído? Recalçado está lá, está inscrito, não foi abolido no meu universo porque a fronteira está lá. Se vou me comportar conforme a fronteira, sobra infinitamente para além dela, mas dentro do Todo, e não fora. De determinado ponto para lá é recalçado pela fronteira enquanto inscrita, mas não há nenhum Sujeito que, na plenipotência dos seus direitos subjetivos, não tenha pedidos, em função do movimento desejante, para além da fronteira. A fronteira é o limite do recalque, mas aquilo está tudo lá. Então, quando recalco, estou ainda dentro de uma *inclusão* de Todo. Estou no regime da lúnula de infinitude indistinta, que está no esquema que apresentei quando lhes falei da *Nosologia Geral*. Isso retorna de dentro, das inscrições: retorna como retorno do recalçado, como sintoma, etc. Ora, se este regime não foi passado, o Sujeito vive só de fronteiras, pois não tem a região intercalada. Depois daí, depois de infinito, é como se não houvesse nem nada, como se a metáfora fosse zero, para lá e não para cá. Se o sujeito não tem outra coisa senão se referir, existencialisticamente, à fronteira, não há recalque: isso tudo brota para ele como vindo de fora - não é “como”, vem *mesmo*. Lacan pergunta - e vejam como o cara é um literato - se o Nome do Pai não foi inscrito, o que é preciso para o sujeito surtar? Basta que apareça um sonho - fantasma: fantasma de Hamlet. É uma bonita metáfora literária. O que basta que apareça? Algo que seja da ordem do limite e não da fronteira, algo desejante. O cara se perde: Eu tava contando com essa fronteira, mas tem alguém me driblando lá detrás dela. Ele não tem como lidar com isso que brota para ele. Ele vai assim, ponto a ponto. Não olha para o horizonte e diz: Minha fronteira é aqui, mas há algo para lá e, de repente pinta, de repente não pinta. Não: É *aqui*. Se brota lá, ele pira, estoura sua fronteira.

[...]

Ser furado é simplesmente ser infinito. Furado não é sem limite. Qual furo há dentro do infinito? É uma indistinção, que me faz lembrar do vazio radical diante do não-Haver, fundado dentro do Haver. Por isso, não gosto da definição de Lacan de que real é aquilo que, como impossível, não se inscreve na estrutura. Digo que o Real é aquilo que se inscreve na estrutura como lugar-tenente do impossível. Está inscrito, sim. Só posso chamar qualquer

coisa de real, de modo adjetivo. Quando digo “isto é real”, é adjetivo porque qualquer toque meu no mundo depende desta fundação de zero, mesmo sendo psicótico. Tanto é que o psicótico convive com o real o tempo todo. Qualquer emergência, para ele, que extrapole a segurança da fronteira, como se fosse aquele Real lá, como se fosse o zero, funde a cuca, não tem a menor elasticidade. A fronteira, na topologia do Sujeito, precisa ser elástica. O que quer que extravase a fronteira só pode ser seguro por duas coisas: recalque, ou juízo forclusivo. Ou porque decido, aqui e agora, que isso fica fora, ou porque está encroado aqui como recalque, e retorna. Não há saída.

Então, toda a questão - isto tudo é teorização - é saber como se põe limite em alguém, se ele não o tem. Como será que ele o poderia perder, depois de tê-lo? Isto, acho mais fácil, pois toda pessoa que faz alguma experiência interior um pouco grave passa por abismos assustadores. Acho que toda pessoa que faz uma experiência um pouco grave de pensamento - não de intelectualismo, porque intelectual não serve para isto -, uma experiência grave de pensar essas coisas, passa por abismos de onde parece que pode não ter volta. De repente, tem. Não sei se há aí condições de perder, de repente, de, digamos assim, desaxiomatização do furo - se é que isto pode haver.

Toda vez que se quantifica a partir do axioma limite, já se saiu do limite e entrou na fronteira. Limite não é quantificável. Quantos números existem até o infinito? Não existe, matematicamente, a menor possibilidade de se estabelecer uma maximização do campo do infinito. Ou seja, qual é o número que vem exatamente antes do infinito? Qualquer um. Já lhes pedi que, por exemplo, lessem os livros de Henri Michaux, que elabora isso muito bem em cima de sua própria experiência com mescalina, etc., e brilhantemente. Mas sua experiência é de quem volta. Seus textos parecem mostrar que ele faz um avanço extrapolado e colado na direção do limite, mas não o perdeu, está dentro. Ele extrapola as fronteiras, mas dentro do limite, tanto é que voltou. A experiência dele é radical a ponto de nos mostrar o que seria uma experiência analítica, se as pessoas fizessem análise. Acho que se vamos fundo em análise, é um negócio parecido com aquilo. Minha suspeita é se poderia ele, como outro qualquer, por via de droga ou de pensamento, sei lá de que tipo de droga, extrapolar, extrapolar e, de repente, perder mesmo o limite? Acho que sim. Mas se ele escreveu aquilo que escreveu, é porque não perdeu o limite: beirou, ficou em pânico, mas não o perdeu. Então, quando se fala em quantificação é para aquém do limite. Se não há maximização possível, se não há ponto máximo distinguível antes do limite, o que quer que aconteça para cá pode ser extrapolação de fronteira, é até quantificável, mas o limite não o é. Pode-se perder as fronteiras, ter grandes surtos de fronteiras, sem ter surtos de limite. Confunde-se muito isto, pois encontramos, por

exemplo, neuróticos em posição quase que delirante, e ficamos assustados pensando que é psicose. Não é: o surto é na fronteira, e não no limite, embora fique parecido. Basta alguém ser um artista genial e fazer um troço que ninguém está esperando que todo mundo diz que é maluco, doido. Não. Simplesmente ele extrapolou demais a fronteira.

O Sujeito da Denúncia não extrapola limite nenhum. Ele vigora em cima do zero, reafirmando esta experiência. Ali estão embutidos: “desejo de não-haver” e “não-Haver não há”, ou seja, o fundamento radical da fantasia. Neste ponto é que posso fazer, por exemplo, a denúncia das minhas fronteiras. Não é uma experiência psicótica, e sim uma experiência de Real. Não é experiência nem de limite nem de fronteira, é de litoral mesmo, de abismo. No que ele retorna, referenciado ao seu horizonte, que é seu limite, porque o que pratica é elasticidade de fronteira. Mas lá naquela posição, ele não tem outra experiência senão de Real. É uma experiência arcaica, é antes de estabelecimento de fronteira, de um limite. Quando se vê a performance do Sujeito, vê-se que ele volta e reinstalou fronteira, elasticiza a fronteira, mas com base na experiência de Real. Quem expõe com mais clareza o Sujeito da Denúncia senão o psicótico? Ele expõe, mas não o segura. O que é um psicótico? É o grande testemunho do Sujeito da Denúncia. É a “denúncia viva”. Mas ele fica naquela denúncia e não articula nada de plausível, de aplicável, não faz um discurso a partir da experiência da Denúncia.

[...]

Seja a série que for, se pensarmos, por exemplo, em número de Fibonacci, o  $\phi$  (Phi) como Lacan coloca, isto já é uma conjunção complexa de número sobre número. São articulações entre números fundando uma razão, uma proporcionalidade que apresenta números postos numa série infinita. Acontece que ali vigora a repetição do zero de ponto para ponto. Ou seja, qualquer último rabinho que você escreva, tem zero depois. Vamos sair do Fibonacci e escrever: 0/1/2/3/ $\omega$ . Há zero em cada uma destas barras. Zero não pára de se repetir. Isto é infinito, qualquer número que se põe tem zero depois. Como é o nome desse zero? Limite. É preciso axiomatizar, metaforizar, o zero como limite: Parar em tal zero. O que quer que apareça como número, se há continuidade, tem um zero depois. Chame-se este zero de limite. Remetaforizei o zero que frequenta isso tudo o tempo todo lá. Freei, assim como zero freia a relação do Haver com não-Haver. Ou seja, a repetição do zero lá, quando o axiomatizo como limite, freia a série: Vamos parar por *aqui*.

A metáfora paterna, em termos de imanência dos números do Haver, não é senão metáfora do Vazio, que é a beira do abismo. O vazio não é abismo, é a *beira* do abismo. O psicótico denuncia este vazio. Ele não sofre, de modo algum, a falta de instalação da

Denúncia. Lacan teima em responder afirmativamente quando lhe perguntam se o psicótico tem Sujeito. Tem. Sim. A coisa é desvairada porque não se instala nenhum limite que, aqui e agora, seja remetaforizável como fronteira, tendo fundado um Todo e discriminado, aqui e agora, esse Todo. Isto porque, para operar, produzir enunciados, precisamos, antes de mais nada, não ser uns animais, ou seja, ter zero. Animal não tem zero. É falante, tem zero. Preciso metaforizar abstratíssimamente o zero como limite, remetaforizar o limite como fronteira e, aí, estou na vigência da *père-version*, versão paterna. Estou distinguindo, pois Lacan chama tudo de Nome do Pai, o qual é axiomatização de limite; remetaforização do limite é *père-version*, é *caso*, é uma decisão fronteiriça. Mas tudo é decisão: axiomatizar também é uma decisão... Os números *hã*. Há números. Zero não é número, é axiomatizado sobre a experiência do vazio. O segundo axioma necessário, que é o Infinito, é, digamos que substituição do zero. Ou seja, encontrar o zero repetido lá adiante e dizer: Há zero aqui, e daqui para lá é como se não houvesse. Isto é que é o infinito. Mas ele não diz o que vem antes dele, é indistinto.

Haver zero é uma coisa de se *pôr* o axioma zero. Uma coisa é a experiência do vazio, em que é preciso *pôr* alguma coisa no lugar disso, isto é, o axioma zero. Isto é um ato decisório. Depois, é preciso carregar lá para adiante e metaforizar como infinito. Depois, ainda, é preciso chamar esse limite por algum nome, por exemplo, seu fulano de tal,  $S_1$ , *signifiant maître*. Seria um terceiro tempo em que se experimenta e se axiomatiza. Mas suponhamos que o sujeito experimentou e não consegue axiomatizar: esse, para mim, não vai ser falante, pois não tem pega e não tem origem, pega de origem para entrar em línguas, em nada. Se tem essa pega aí, pronto, tem zero, e aí virão as experiências... Vejam bem, quando digo: primeiro isso, segundo aquilo, terceiro aquilooutro, isto é uma ordem lógica. A *ordem histórica* talvez seja ao contrário. Em havendo zero, ele vai aprender o infinito na colagem, vai construir um axioma de infinito, talvez caso a caso. Aí, um dia, saca que há limite, e que a fronteira é outra coisa. Mas há o momento da axiomatização: se ele axiomatiza o infinito, a fronteira fica valendo como metáfora daquilo. A metáfora que é fundada ali é do infinito, é metáfora desse caso, mas no que ela é fundada, o caso é que passa a ser metáfora daquele, porque aquele é mais radical. Vamos separar a história do sujeito da ordem lógica do processo. Acho que há tempo para compreender, como diz Lacan, e é aí que o psicótico se ferra. Lacan faz aquela historinha que, hoje em dia, é como Freud contar anedota de Édipo. Estou me distanciando de tal maneira disso que vejo aquela formulinha de Lacan - Nome do Pai, desejo da mãe, etc. - como Lacan via a historinha do Édipo. É uma anedotinha, um pouco mais abstrata do que o Édipo. Mas é por aí que os sujeitinhos aprendem, sacam.

É preciso matemizar isto de maneira longínqua, o mais distante possível, para se poder repensar o fenômeno sobre armações teóricas mais abstratas, se não, quedamos nessa historinha. Mesmo porque, com o modo de Freud dizer Édipo, o que as pessoas fazem? Ficam escutando a anedotinha. É o mesmo com o modo de Lacan dizer sua fórmula de Nome do Pai, desejo da mãe, etc.: ficam procurando aí. E se não estiver aí, se não foi exatamente assim o anedotário deste sujeito? Lacan põe o Falo como significante sem significação nenhuma, as bases gestálticas foram jogadas fora, virou símbolo puro... mas não é assim, porque depois se começa a normalizar tudo em cima das corporeidades, de “como é que um homem pode fazer amor normalmente com uma mulher...” O que é isso, onde é que nós estamos? O que quero saber é: como um sujeito pode constituir significância, aqui e agora, dentro de certos parâmetros, enumeráveis. Então, ao mesmo tempo que o efeito de abstração foi enorme, está tão apegado às figurações didáticas, que se retorna, e não vejo quase nenhum, se não nenhum, lacaniano re-entender isto. Quer dizer, no final volta tudo ao papai-e-mamãe. Isto não é da nossa espécie. Nossa espécie trepa zero, e não papai-e-mamãe, trepa fantasia.

\* \* \*

*Eclusa* é uma coisa conhecida. Quando se tem qualquer fluído, por exemplo, água, cujo fluxo, caso de uma usina hidroelétrica, é preciso controlar, constrói-se uma eclusa, que dará maior ou menor passagem a isso. Então, já que parti da *clusão* lacaniana, foraclusão, entrei com *inclusão*, *reclusão* e *eclosão*, que é o ato de refundação de sentido: eclosão de sentido novo, do Falanjo, etc. - isto tudo é o manejo da Eclusa. É aquilo que Lacan chama de Nome do Pai, a eclusa.

Que condições são possíveis para um sujeito que não tem, porque nunca teve ou perdeu esse limite, de inscrição desse limite? Se há foraclusão do limite, só existe uma cura para a psicose: é inscrição do foracluído. Como? Se formos acompanhar as pegadas de Lacan e as minhas repegadas em cima das pegadas dele, parece que não há saída. Só há uma maneira de curar a psicose, se é que é possível: inscrever um limite. E se analista presta para alguma coisa, em termos de psicose é ele repensar tudo isso. Um sujeito que está completamente baratinado quanto ao limite, que perdeu o limite e já reconstruiu, por exemplo, todo um delírio nesse lugar, o que é possível fazer por ele? Antes ainda de tentar ajudar o sujeito na produção de um axioma a partir do seu zero, há pela frente todo um embrulho, que não é nem mesmo neurótico, é delirante, alucinatório, etc. Como, então, mexer aí para desfazer esse

embrulho e ainda achar chance? A questão da morfose é mais simples, porque não há forclusão.

[...]

Já vi essa história antes, de dizer que, se há delírio, é tentativa de cura. O delírio é tentativa de reconstrução até da colagem imaginária que foi esgarçada. E daí? Pegar por esta vertente? Estou falando em nível de terapia. Roustang, por exemplo: adentraria junto com o psicótico na sua ordem delirante...; Laing e outros. Não faço a menor idéia. Não estou dizendo que não seja possível, mas por aí encontro alguma pega para instalar limites? Se encontrar, ótimo.

• P - *O grande problema de pensar em termos de cura do psicótico é saber se é endereçamento de tratamento ou é domesticação. O que vemos no chamado tratamento é da origem da domesticação, seja medicamentosa, seja por pressão de um grupo em torno de um sujeito, querendo botar limites, reeducá-lo para a vida e coisas no gênero...*

Ou seja, fazer uma espécie de adaptação do delírio com as coisas que acontecem em volta. Suspeito que Lacan jamais falou em cura de psicose. Ele disse que o analista não deve se furtar a este desafio. Ele apenas disse que é preciso entender a psicose a partir de determinado ponto: estou estabelecendo um conceito chamado forclusão do Nome do Pai, e sem isso não dá para pensar a psicose. Ele só acha que o analista deve se manter dentro deste desafio porque, de repente, pinta alguma coisa. Eu, estou aqui tentando abstrair cada vez mais. Quem sabe a gente descobre como é... Agora, pegar o sujeito e meter a lei dentro dele, não sei.

• P - *O interessante é que Lacan, historicamente, talvez tenha se valido da psicose para pôr em cheque a própria prática analítica em geral, em sua época.*

Não tenho a menor dúvida disto. Ele foi tão veemente que até requisitou para o analista a aproximação da psicose. Ele sempre dizia que não era melhor analista porque não era suficientemente psicótico. Maneira de dizer, não acredito nisto. Ele quis dizer, em meus termos, o seguinte: quanto mais você puder freqüentar a Denúncia, mais pode escutar. E isto não é psicose. É a mesma coisa quando ouço falar em “esquizofrenia”: é um abuso de retórica. Evidentemente que a prática do moço, Lacan, a que conheci, era criar um ambiente próximo da psicose na relação com o analisando. Ou seja, esgarçar as fronteiras, e tanto, que não se estará mais enxergando o horizonte. Isto parece meio psicótico, mas não é, pois Lacan estava lá. Se você saísse das estribeiras, ele pontuava. Isto nada tem haver com psicose, e sim com o cacife que tem um Sujeito, que se diz analisado, de freqüentar a Denúncia sem ficar se roendo de angústia. Ou seja, seria a passagem que o analista teria que fazer da *Hilflosigkeit* à

*Gelassenheit*: Isto é da ordem de não temer a psicose, e não de entrar nisso: fazer a experiência de, quem sabe, chegar à beira do abismo, podendo até cair, mas vamos lá. Isto é aproximação daquilo que poderia, eventualmente, conduzir à psicose, mas não é psicose. A qualquer um que freqüentasse o Lacan que freqüentei parecia estar diante de um psicótico, só que não era: era elasticidade radical da fronteira.

A frase: “uma análise levada muito longe conduz à psicose”, para mim, não se sustenta enquanto tal. É como se você pudesse conviver com o Real à beira da psicose. Se estou dizendo que o psicótico gira, gira e dá de cara no zero, você, mesmo sem ser psicótico, pode freqüentar o zero. Então, você está numa situação de escuta extremamente furada, mas o limite está lá e é tomado como tal. O que não está lá definido, jamais, é a fronteira. Se andamos perto de uma pessoa que tem elasticidade de fronteira, ela parece doida, a história está cheia desses “loucos” maravilhosos. Não há nada aí de psicótico. Estão saindo por aí uns livros interessantíssimos de gente que teve experiência com Lacan. Um que li, é *ipsis litteris* a minha experiência, vamos dizer assim, mundana, no consultório dele. Chama-se *5, Rue de Lille*, que era seu endereço. O cara pegou e definiu claramente: os golpes teatrais, os *coups de théâtre*, que ele dava dentro do consultório, que, a meu ver, exibem com clareza a imensa elasticidade de fronteira, tão elástica que ele não estava falando desde *uma* fronteira. Quando ele dava um golpe assim, radical, de aporrinhar o analisando, de pôr fronteiras aqui, etc., era um golpe teatral. Quando ele fazia com você, você não via, mas quando você via fazendo com outro, estava na cara que aquilo era teatro. Ele estava se lixando para a fronteira. Estava era *utilizando* a fronteira. Isto é que chamo de juízo foraclusivo. Era um teatro muito bem feito: de ódio, de raiva, tristeza, de alegria, etc.

Isto não é comum. Vemos pessoas - vamos fazer pouco: só 99% - que se dizem analistas, diante de uma experienciuzinha assim muito fajuta, sem coragem de ir mais além. Eles estão evidentemente utilizando fronteiras próprias. Se lhes brandirmos alguma elasticidade maior de fronteira, os bichos ficam em pânico. Então, como é que se sentam lá no poltronão? Uma coisa é eu estar negociando aqui e agora com você em torno de certas fronteiras que a gente está combinando. Outra, é eu sacar que, fora desta combinação, não sei onde botar fronteira. Então, vamos ter que combinar isso... Um Sujeito falangelicamente instalado na sua competência discursiva, ele brinca direito, é um bom ator: coloquei aqui a fronteira, e vai ser esta. O cara briga por causa dela. Não quer dizer que ele acredite. Isto faz uma diferença enorme. Quando você topa com “analista” acreditando em fronteira... Uma coisa é você acreditar, outra, é dar crédito, pôr um aval, aqui ou ali. Vemos, por exemplo, Lacan pegar um psicótico, entrar, sentar diante dele e não querer saber quanto tempo vai levar

para encurralar o cara naquilo que ele chama de um neologismo empedrado - *galopiner*, por exemplo. Se você encurralar bem o psicótico, ele vai perder todas as estribeiras e cair num ponto fixo que foi estabelecido como marca pseudo-fronteiriça para ele. Agora, faça-se isto com um sujeito comum, não precisa ser psicótico, pode ser com um neurótico, ele vai estarrar na fronteira e, apesar de todo movimento desejante, vai sempre retornar a ela. Agora, passemos para o chamado analista, comecemos a pressioná-lo. De repente, se for analista, vai ficar perplexo: ah! sim, como é que tínhamos combinado a fronteira, me esqueci... Se não ficar perplexo, tomem cuidado. Não é analista, é neurótico mesmo... se não for morfótico ou psicótico. Uma coisa, por exemplo, deliciosa, que Philippe Sollers, que batia longos papos à beira de jantares deliciosos regados a champanhe com o Doutor Jacques Lacan, diz a respeito dele: "*Lacan est incoinçable*", é inencurrável. Ele tem um jogo de cintura de só se referir a fronteiras por convencionalidade discursiva: Não empurra, não. Está pensando que vou acreditar em fronteira? Para cima de mim? Se é no quebra-pau, tudo bem, é quebra-pau em torno de uma convencionalidade local, aqui e agora. Aqui e agora pode durar anos, pode durar segundos... Quem tem essa disponibilidade? Exijo, para reconhecer alguém como analista - para ser o meu, porque o mínimo que exijo num sujeito para achar que é analista, é que possa ser o meu - que ele seja o mais *incoinçable* possível. Isto é duro, mas não é de psicótico.